

## ESPAÇOS DO SAGRADO E DA SOCIABILIDADE: AS FESTIVIDADES RELIGIOSAS DAS COMUNIDADES RURAIS DE IPORÁ

*Spaces of the sacred and sociability: religious festivities in the rural  
communities of Iporá*

**Maria Geralda de Almeida Moreira**  
Universidade Estadual de Goiás - Unidade de Iporá

**Maria Olinda Barreto**  
Universidade Estadual de Goiás - Unidade de Iporá

### RESUMO

Conhecer a origem das comunidades rurais e suas festividades religiosas tornou-se objetivo a partir da curiosidade despertada pelos seus nomes: Pé de Pato, Bugre e Jacuba. Movida pela curiosidade inicial de identificar a origem desses nomes e pela vontade de entender a relação desse povo com as festividades religiosas, a pesquisa foi orientada a partir dos seguintes questionamentos: qual é a origem das festividades religiosas e a sua importância para quem delas participa? Quais elementos foram motivadores no processo de nomeação destas comunidades rurais? Buscando responder aos questionamentos, essa pesquisa valeu-se da abordagem qualitativa na análise dos dados obtidos, tanto por meio da pesquisa em trabalhos acadêmicos, quanto da pesquisa em campo, por meio da observação participante e das entrevistas realizadas para a construção de uma análise exploratória e introdutória do tema. Nesse momento da pesquisa, já podemos afirmar que as festas religiosas fazem parte da vida cotidiana dos iporaenses, marcando o tempo no campo da vida prática, bem como a relação destes com o sagrado. Por fim, mas não em termo de conclusão, podemos inferir que as festividades em louvor aos padroeiros/as, nas comunidades rurais, são espaços para a reafirmação coletiva da fé, como observamos nas visitas às comunidades da Jacuba, do Pé de Pato e por meio das entrevistas, mas são ainda territórios de socialização, pois nesses momentos laços sociais são construídos ou reforçados.

**Palavras-chave:** Comunidades. Rurais. Religiosidade.

### ABSTRACT

Knowing the origins of the rural communities and their religious festivities became an objective based on the curiosity aroused by their names: Pé de Pato, Bugre and Jacuba. Driven by the initial curiosity to identify the origin of these names and the desire to understand the relationship between these people and the religious festivities, the research was guided by the following questions: what is the origin of religious festivities and their importance for those who participate in them? What elements were motivating factors in the process of naming these rural communities? Seeking to answer these questions, in this research it was used a qualitative approach in analyzing the data obtained, both through research in academic works and field research,

through participant observation and interviews carried out to construct an exploratory and introductory analysis of the topic. At this point in the research, we can already say that religious festivals are part of Iporá people's daily life, sealing time in the practical life field, as well as their relationship with the sacred. Finally, yet not in terms of conclusion, we can infer that not only are the festivities in praise of patron saints in rural communities places for the collective faith reaffirmation, as we observed in visits to Jacuba and Pé de Pato communities through interviews, but also territories of socialization, since in these moments social bonds are built or reinforced.

**keywords:** Communities. Rural. Religiosity.

## INTRODUÇÃO

A sociedade iporaense é fortemente marcada pela religiosidade, principalmente pela cristã e, em função dessa fé, existem muitas festividades religiosas nas comunidades rurais do município. Assim, as festas religiosas fazem parte da vida cotidiana das pessoas, marcando o tempo no campo da vida prática, bem como a relação destas com o sagrado, o que não é uma exceção, pois as festividades religiosas, grosso modo, sempre fizeram e fazem parte da vida das pessoas e, portanto, da nossa História, tendo como atores uma diversidade de indivíduos em diferentes espaços e tempos, indivíduos quase sempre ausentes das narrativas históricas. Nessa perspectiva, buscamos conhecer e registrar a história das pessoas comuns que vivem ou viveram no campo e foram os/as responsáveis pelo surgimento destas comunidades e de suas festividades religiosas.

Por certo, as festividades religiosas exercem importante função por ser espaço de reafirmação da fé, todavia, sua função vai além da religiosa, pois se constitui em períodos nos quais os sujeitos que vivem no campo fazem uma pausa na “lida diária” para encontrar/reencontrar amigos, parentes, vizinhos e reforçar laços de solidariedade, além da função econômica que possuem, tornando-se espaço importante para movimentar a economia dos lugares.

Com base nas leituras realizadas, optamos por não denominar tais eventos de festividades rurais e sim de festividades religiosas realizadas em/nas comunidades rurais, pois como afirma Curado [et a.], ao analisar as festas rurais em Goiás, “[...] as festas não podem ser consideradas nem urbanas, nem rurais, pois são estruturadas por meio da coexistência desses dois universos (2015, p. 29)”, quer seja, que existe uma imbrincada correlação entre ambas, podendo ser observados elementos de uma na outra. Todavia, Almeida (2011), no texto *Festas Rurais e Turismo em Territórios Emergentes*, considera como festas rurais as que são realizadas em espaços urbanos com menos de 20 mil habitantes. Nesse sentido, o território onde a festa circunscreve não é o bastante para dizer que se trata de uma festa rural ou urbana, mas sim, suas características.

Desta forma, a pesquisa buscou identificar e registrar as memórias de diferentes indivíduos sobre as festividades religiosas que

não possuem ‘peso’ econômico localmente, mas apresenta grande potencial para entendermos a dinâmica religiosa das regiões interioranas, bem como a relação dos sujeitos com o sagrado, entendida por muitos estudiosos como religiosidade popular<sup>1</sup> ou vivência popular da religião devido à intimidade e a relação peculiar estabelecida pelo devoto com o santo ou santa de devoção. Assim, para compreender a história local, deslocamos o olhar da pesquisa para os indivíduos que viveram ou ainda vivem no campo há décadas e possuem sua cotidianidade estreitamente ligada a essas festividades religiosas, buscamos entender a relação desses indivíduos com a sua fé.

Essa pesquisa segue uma abordagem qualitativa na análise dos dados obtidos, tanto por meio da pesquisa em trabalhos acadêmicos, quanto da pesquisa em campo, por meio da observação participante e das entrevistas realizadas, objetivando a construção de uma análise exploratória e introdutória do tema.

### **MEMÓRIAS E RELIGIOSIDADE: A TRAJETÓRIA DA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO DO PÉ DE PATO.**

Compreendemos, assim, como nos afirma Hobsbawm (2012), que “todo povo tem história”, portanto, para entender qualquer povo é preciso acessar essas histórias. Histórias, por vezes, esquecidas ou invisibilizadas pelas narrativas oficiais, histórias de pessoas “comuns” que raramente ganham escuta e espaço. Conhecer a origem, a história dessas comunidades foi o elemento motivador desta pesquisa. Começamos, então, com a Comunidade Pé de Pato e o questionamento inicial foi: por que Pé de Pato?

A comunidade São Sebastião do Pé de Pato fica às margens da rodovia GO-060, rodovia que dá acesso a diversas cidades, dentre elas a cidade de Piranhas. Durante visita a essa comunidade, foi possível identificar que o local possui uma pequena capela, um salão e uma cozinha comunitária, além de um grande espaço aberto que é usado em dias de festas. Consideramos esse conjunto de construções como sendo o núcleo dessa comunidade que se caracteriza pela dispersão, uma vez que não existem habitações residenciais nesse núcleo central. Sendo assim, a partir de nossa observação empírica e das entrevistas, é plausível concluir que as pessoas que compõem essa comunidade religiosa vivem na região, nas fazendas e são elas as responsáveis pela existência da comunidade.

Visitamos a comunidade no dia da finalização do Tríduo em louvor a Nossa Senhora Aparecida<sup>2</sup>, por conseguinte, dia de solenidade e a comunidade recebia muitas visitas. O espaço para o ritual religioso, a celebração da missa, foi preparado no salão aberto, área externa à

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar que a religiosidade popular não é uma manifestação que se evidencia somente na zona rural, mas também nos centros urbanos, embora, a sua presença nos centros urbanos seja recente.

<sup>2</sup> A visita foi realizada no dia 16 de outubro de 2021.

pequena capela. Nesse local, muitas pessoas se reuniram para a parte sagrada da festividade que teve início com a procissão de entrada com a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Finalizada a missa, teve início a confraternização, momento de encontrar amigos, conversar e arrematar os leilões<sup>3</sup>. Após quase dois (2) anos de distanciamento social, devido às medidas protetivas impostas pela pandemia do COVID 19, os leilões foram gritados<sup>4</sup>, as pessoas arremataram as prendas (iguarias preparadas pela comunidade) e degustaram ali no espaço coletivo, estreitando laços de amizade e solidariedade, mas também permitindo angariar recursos para a manutenção do templo religioso construído ainda nos anos 1980. Aqui evidenciamos o que Oliveira afirma sobre essas festas populares religiosas: “[...] nenhuma festa religiosa (sagrada e central) em qualquer escala de abrangência, deixa de ter sua dimensão profana (laica e periférica) (2007, p. 24.)”.

O nome Pé de Pato está relacionado a uma característica natural do lugar, a um córrego que recebeu esse nome e, depois, o nome do córrego foi dado à comunidade, conforme nos esclareceu o Sr. Divino: *“No tempo da chuva, ele alagava, espalhava, aí, puseram o nome naquele Corguinho de Pé de Pato e aí, ficou o nome da nossa região com o nome do córrego Pé de Pato”* (Entrevista concedida a pesquisadora em 18.01.22 por Divino<sup>5</sup>).

De acordo com o Sr. Divino, a Comunidade São Sebastião do Pé de Pato teve origem no início dos anos 1980, a partir de uma promessa/um voto<sup>6</sup> que ele fez a Nossa Senhora Aparecida, por ocasião de um problema

---

<sup>3</sup> Comprar a prenda a partir de uma disputa por preços.

<sup>4</sup> A prática de gritar leilões é comum nas festividades religiosas de comunidades católicas e consiste em um leiloeiro, pega uma prenda, normalmente uma comida preparada pela comunidade, estipula um preço inicial e grita esse valor, na sequência, quem tem interesse na prenda aumenta o valor, se mais pessoas têm interesse, vão aumentando o valor atribuído, até que alguém dê um valor que não será superado por outros, arrematando assim o leilão.

<sup>5</sup> O Sr. Divino foi morador da comunidade, participou da sua fundação, da construção da capela, mas desde os anos 90 vive na cidade de Matupá em Mato Grosso, portanto, demoramos a chegar até ele, mas, entrevistá-lo, mesmo que usando as tecnologias, foi fundamental para o andamento da nossa pesquisa. A dinâmica da entrevista com o Sr. Divino não ocorreu da forma tradicional de uma pesquisa de campo. Devido à pandemia da Covid-19, passamos a substituir as mais diversas atividades, que antes realizávamos de forma presencial, pela mediação das tecnologias e, no caso dessa entrevista, foi o que ocorreu. Fizemos um primeiro contato com o Sr. Divino no dia 06 de janeiro de 2022, por indicação de outro morador da comunidade Pé de Pato e seu irmão, o Sr. José. Nessa ocasião explicamos a pesquisa, as nossas motivações e objetivos, além de encaminharmos o projeto de pesquisa e as perguntas. Esclarecemos que ele poderia usar o tempo que fosse necessário para ler o projeto, as perguntas e, se necessário, tirar dúvidas sobre a pesquisa. Desse primeiro contato até a entrevista, o Sr. Divino esteve doente, o que postergou um pouco mais a realização da entrevista, que ocorreu no dia 18 de janeiro de 2022.

<sup>6</sup> Fazer um voto significa fazer uma solicitação, uma súplica ao santo de devoção por uma graça que necessita. Portanto, é um ato prévio à solução do problema vivenciado no momento, mas que se acredita que, por intercessão do santo de

de saúde de sua esposa. Assim, podemos perceber que a referida Comunidade tem sua origem ligada à reza do terço, na casa do Sr. Divino, para “pagar a promessa” realizada à Santa.

Fazer voto a um santo ou santa, por ocasião de algum problema de saúde, econômico, amoroso e tantos outros caracteriza uma vivência popular do catolicismo. Essa prática simbólica que envolve afetividade e troca entre o santo e o devoto foi e continua sendo uma ação muito usada na sociedade, principalmente entre os habitantes da zona rural, os quais, ao longo de grande parte da nossa história, tiveram pouco acesso aos ritos e mesmo à presença da Igreja Católica.

*[...] nós tivemos um problema de saúde na minha família, com minha esposa e [...] buscamos ajuda a Nossa Senhora Aparecida, eu fiz um voto a Nossa Senhora Aparecida, se ela ajudasse os médicos, a ajudar a minha mulher sarar, encontrasse um caminho para ela sarar, eu ia fazer uma novena de nove anos na minha casa, que seria assim [...] a cada ano, no dia de Nossa Senhora Aparecida eu ia fazer um terço [...] na minha casa e fiz. Aí começamos a rezar. Fizemos o primeiro terço [...] aí quando foi no segundo ano do nosso terço, eu não sei quem se informou, quem falou na paróquia [...] que nois tinha aquele terço lá [...] apareceu lá em casa com a benção de Deus a D. Nair. D. Nair, essa catequista, essa [...] coisa mais linda que aconteceu na minha vida, ter conhecido ela [...] foi uma coisa que marcou muito a minha vida [...]. (Entrevista concedida a pesquisadora em 18.01.22 por Divino)*

A capela da comunidade foi construída em seguida, em um terreno doado pela mãe do Sr. Divino, como ele nos relata: *“Vamos construir uma capela. Falei com a minha mãe, que era dona do terreno lá, a mãe fez a doação do terreno, foi só de boca, não sei se foi documentado isso. Na época a mãe doou de boca, nós fechamos um canto lá e construímos nossa capela e começamos a fazer as festas”* (Entrevista concedida à pesquisadora em 18.01.22 por Divino)

Com a capela construída, a comunidade definiu o padroeiro. A princípio, a ideia era colocar Nossa Senhora Aparecida, porém, como já havia outra comunidade que possuía como padroeira Nossa Senhora Aparecida, a comunidade escolheu, democraticamente, o padroeiro São Sebastião, conforme nos relata o Sr. Divino: *“os participantes da comunidade, cada um apresentou seu santo, São Sebastião era o que tinha mais devotos<sup>7</sup>. Aí colocamos comunidade São Sebastião [...] (Entrevista concedida à pesquisadora em 18.01.22 por Divino).*

As atividades religiosas, naquele tempo, não se restringiam ao espaço da capela, mas se estendiam às casas das pessoas que faziam parte da comunidade, seja para reza do terço, seja para realizar as novenas de Natal ou mesmo para a Campanha da Fraternidade. *[...] a gente fazia nas casas e reunia todas as famílias, a coisa mais linda do mundo [...]*

---

devoção, será superado. O voto é parte de uma relação simbólica de trocas, baseada na proximidade do fiel ao santo de devoção.

<sup>7</sup> São Sebastião é considerado o santo protetor dos animais, das plantações, dos trabalhadores rurais, isso pode explicar o motivo de, naquele momento, numa comunidade rural, ele ter maior número de devotos.

*o pessoal se reunia, andava a pé, ir na casa de um, de outro, eu tenho até saudade*<sup>8</sup> [...].

Ao retomar as memórias desse tempo vivido, ao acessar as reminiscências desse passado - pouco conhecido pela sociedade iporaense e pela literatura que trata da história da região -, mas ainda conservado em suas lembranças, o Sr. Divino, fez com saudosismo e, ao mesmo tempo, com muita gratidão pelas pessoas que conheceu, pelas vivências comunitárias.

As festividades religiosas podem ser compreendidas como patrimônios materiais e imateriais que envolvem a identidade de um povo/grupo e permitem a reprodução social de suas tradições e valores, em um diálogo permanente com elementos da contemporaneidade, portanto, como afirma Jurkevics (2005, p.74) as festas religiosas são “fenômenos culturais”.

A festa, para todos, é entendida como um código sociocultural e simbólico, impresso e produzido no espaço geográfico [...] A festa testemunha as crenças coletivas, as representações do sagrado, próprias de uma comunidade ou da maioria de seus membros. A festa comunitária possui, de fato, a capacidade de produzir símbolos territoriais nos quais o uso social se prolonga além de seu acontecimento. Esse simbolismo festivo identifica e qualifica os lugares, os sítios, os monumentos, as paisagens e os lugares ordinários como uma fazenda, um povoado, uma capela (ALMEIDA, 2011, p. 2-3).

## **A COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA DA JACUBA E A FESTA EM LOUVOR A SÃO JOÃO BATISTA**

A Comunidade da Jacuba fica às margens da (GO-221), rodovia de acesso a Caiapônia, possui uma capela, um espaço de festas formado por um salão e uma cozinha, sendo que esse espaço fica na lateral e ao fundo da capela, algumas casas que abrigam os poucos moradores, a casa da associação e o prédio da escola. O nome da comunidade vem do nome de um córrego, o córrego Jacuba. O termo Jacuba, de acordo com alguns escritos, tem origem tupi *y-acub* ou *y-a´kub*, significa “água quente” e refere-se a um alimento produzido a partir da farinha.

Uma primeira visita à comunidade foi realizada em 2019, com o objetivo de participar da festividade em louvor ao padroeiro, São João Batista, e na ocasião não fizemos registro fotográfico, apenas um breve relato sobre a festividade foi produzido a partir dessa primeira vivência na comunidade. Observamos que uma parte do salão foi cuidadosamente organizada para o rito cristão com os santos de devoção, além da ornamentação com flores; velas e crucifixo. E, após o rito religioso, em outra parte do salão, ocorreu a socialização com música ao vivo, espaço para dança e para “gritar” leilões, que na ocasião foram “gritados”. Os leilões arrematados foram consumidos ali mesmo, em meio

---

<sup>8</sup> Sr. Divino em entrevista concedida em janeiro de 2022.

a uma roda de conversa e enquanto observávamos as pessoas e o movimento do salão.

Em dezembro de 2021, quando a pandemia do Covid-19 parecia controlada, fizemos uma nova visita à comunidade, agora já procurando conversar com as pessoas sobre a origem do lugar e das festividades religiosas. Na Comunidade Jacuba, fizemos o registro fotográfico da capela, do salão e da cozinha, bem como da comunidade como forma de conhecer e também entender as correlações entre a existência da capela e das festividades religiosas com a comunidade.

Diferentemente da Comunidade Pé de Pato, que em seu núcleo central possui apenas a capela, o salão e a cozinha, a Comunidade Jacuba possui algumas residências, a escola e o prédio da associação. No entanto, em ambas há membros da comunidade que vivem em fazendas próximas, como é o caso do Sr. João Ferreira.

O Sr. João Ferreira é um dos fundadores da comunidade e, portanto, uma referência importante para acessarmos a história de origem da comunidade e suas festividades ligadas ao padroeiro São João Batista. O Sr. João Ferreira nos disse que poderia “ficar um dia inteiro falando sobre a Jacuba” e isso é compreensível quando entendemos que ele não participou somente da formação da comunidade da Jacuba, da construção da capela, da definição do santo padroeiro, mas da criação da Associação de Trabalhadores Rurais e da Cavalaria da Jacuba, ou seja, uma vida inteira vivenciada naquela comunidade, da qual ele fala com satisfação.

De acordo com o Sr. João Ferreira, os moradores da região sempre formaram uma comunidade, embora não tivessem noção do que seria uma comunidade [...] *aqui sempre existiu uma maneira de comunidade na nossa região*[...] <sup>9</sup>. Segundo ele, as pessoas se reuniam para rezar o terço, para realizar festas como: casamentos e batizados, porém a criação oficial da Comunidade Jacuba ocorre em 1985. O terreno onde situa a comunidade Jacuba foi adquirido pela prefeitura de Iporá que ali construiu um grupo escolar<sup>10</sup>, após essa construção, o Pe. Wiro, então pároco da região, realizou uma missa no local e nessa ocasião sugeriu que fosse criada a comunidade Jacuba.

A construção da capela se inicia em seguida, sendo finalizada em 1986. Essa ação foi realizada por meio de mutirões<sup>11</sup>, prática muito adotada nos interiores, principalmente no meio rural, para adiantar um roçado ou mesmo finalizar uma construção. Na edificação da capela,

---

<sup>9</sup> Fala do Sr. João Ferreira em entrevista à pesquisadora em novembro de 2021, em sua fazenda.

<sup>10</sup> Nome dado às escolas por um longo período em nossa história.

<sup>11</sup> “O termo deriva do Tupi *motyrõ* e significa “trabalho em comum”, de pessoas que se juntam para executar espontaneamente uma tarefa de forma coletiva, visando ao bem comum ou de um indivíduo ou grupo de indivíduos”. Atualmente tem sido muito empregada nos centros urbanos, mas ao longo de décadas foi prática comum e quase que exclusiva de moradores da zona rural. A definição entre aspas se encontra em - <https://agro20.com.br/mutirao/>. Acesso em: 20.01.22.

tiveram ajuda da prefeitura, da comunidade, mas também realizaram ações em conjunto para angariar recursos.

Finalizada a construção, foi providenciada a ligação de energia, sendo a capela inaugurada já com energia elétrica, coisa rara para a época, principalmente quando se trata de região rural. Após a sua inauguração, foi construído o ranchão de palha, local usado para a socialização e as partes não religiosas das festividades. Era espaço para guardar as comidas, gritar os leilões e também para degustá-los. Foi também nesse espaço, no ranchão, que os Srs. João Ferreira, juntamente com outras pessoas da comunidade, reuniram-se para escolher o padroeiro, São João Batista.

*[...] aí fizemos um rancho de palha [...] bem feitinho [...] foi o primeiro barracão nosso, colocamos até nome no nosso rancho, rancho da alegria, era onde nós gritava o leilão, onde nós colocávamos as coisas de comer, onde nós colocava nossos salgadim. Aí sentou eu, minha mulher, esse rapaz que é meu afilhado, a mulher dele, o nosso vice, a Dirce [...] discutimos o nome. Falei pro Divino: - Que nome que vamos por na nossa comunidade? Eu quero um nome pra encaixar na nossa maneira, na nossa vivencia, o jeito de caminhar. Ele falou assim:- Vamos por o nome na nossa comunidade de São João Batista. (Entrevista concedida a pesquisadora em 11.12.21 por João Ferreira).*

A comunidade se reunia tanto na capela como nas casas, por ocasião das festividades em honra a São João Batista. As novenas eram realizadas nas casas e o encerramento acontecia na capela, como nos informou o Sr. João Ferreira. [...] *A novena acontecia em várias casas e pra encerrar, nos ia para a igreja*<sup>12</sup> [...] prática também observada na Comunidade Pé de Pato.

A festa em honra a São João Batista acontecia com todos os tradicionais elementos observados nessas festividades como: fogueira, mastro, pau de sebo, batizado na fogueira e a habitual passagem descalça sobre as brasas da fogueira, sem se queimar. Nas palavras do Sr. João Ferreira a comunidade realizava “[...] *uma senhora festa [...] nas nossas festas tinha fogueira [...] tinha o coordenador da fogueira. Cada ano a fogueira saía mais bonita, mais comprida [...] tinha o pau de sebo*<sup>13</sup>”.

O ritual para erguer o mastro com a bandeira de São João Batista ocorria ao final do rito religioso e fora da capela, fazendo uso do espaço ao ar livre “[...] *saía da missa com a bandeira, as pessoas atrás. Acendia a fogueira e erguia o mostro*<sup>14</sup>”.

Observa-se que, embora os padroeiros sejam distintos, o que incorpora alguns elementos singulares à parte religiosa da festividade de cada comunidade é a parte não religiosa, a parte de socialização da festividade, que ocorre de forma muito similar nas diversas comunidades, quer seja a existência dos festeiros responsáveis pela estruturação da

<sup>12</sup> Fala do Sr. João Ferreira em entrevista no mês de dezembro de 2021.

<sup>13</sup> Fala do Sr. João Ferreira durante entrevista no mês de novembro de 2021.

<sup>14</sup> Idem.



feita; as comidas, com destaque para os leilões, através da prática de “gritar leilão”; o degustar as prendas arrematadas no local, em companhia de familiares e amigos enquanto conversam. Assim, podemos identificar nesses momentos um caráter recreativo, de socialização, pois envolve o contato com o outro, permitindo construir ou reforçar laços de solidariedade e amizade.

## AS FESTIVIDADES RELIGIOSAS E SEUS SIGNIFICADOS PARA OS PARTICIPANTES

Ao propormos a pesquisa, pretendíamos acessar o território do simbólico, quer seja entender como tais eventos são processados na subjetividade dos indivíduos que deles participam e como orientam sua vida prática. Para tanto, a busca se deu no sentido de entender o significado desses eventos, sua importância para os participantes ao fazerem parte destas festividades religiosas. Assim, no roteiro da entrevista, uma pergunta sempre foi realizada: o que significa para você participar das festividades religiosas da comunidade? Ao responder a esse questionamento, os participantes da pesquisa evocaram a fé, mas não somente, pois participar dessas festividades é parte essencial das vivências cotidianas das pessoas e isso transcende a relação com o sagrado, com a religião.

A moradora da comunidade Pé de Pato, Clarissa, que também já atuou na comunidade Jacuba, afirma que participar das festividades religiosas da comunidade é gratificante, “[...] *pra mim é muita alegria, satisfação né. A gente participar das festividades de comunidade*” (Entrevista concedida à pesquisadora em 27 de janeiro de 2022 por Clarissa).

O Sr. Divino assim se refere à comunidade, “[...] *pra mim foi a minha vida [...], até hoje tenho uma relação muito [...], especial com a comunidade [...], essa é a história nossa, da nossa comunidade [...], foi um tempo de muitas alegrias na minha vida, na vida do nosso povo que morou aí na época [...], foi uma coisa maravilhosa que aconteceu na nossa vida*”.

Participar dessa comunidade que promove momentos para reafirmar e fortalecer a fé, de forma coletiva, por meio de suas festividades religiosas, impulsiona ações coletivas em outras instâncias do cotidiano com a realização de mutirões, por exemplo: “[...] *nós fazíamos mutirão. A gente se ajudava*” afirma o Sr. Divino. A prática do mutirão, como vimos anteriormente, também é realizada na comunidade Jacuba.

Por meio das memórias evocadas, percebemos um trânsito, uma complementariedade entre diferentes espaços: do trabalho, da vivência cotidiana, dos dias de festas, sendo que todos esses territórios são perpassados pela relação que se estabelecesse com o sagrado, evidenciando aí a vivência popular do catolicismo, como ressalta o Sr. Divino: “[...] *Pode ver a religião popular ela é muito forte, até hoje no Brasil ela é muito forte, ela tem o poder muito grande de renovar e [...], e dar estrutura para as famílias, para as pessoas*”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, o desenvolvimento da pesquisa foi muito impactado pelo distanciamento social, fazendo com que o cronograma proposto não fosse cumprido. Todavia, conseguimos identificar as comunidades, seus padroeiros e outros aspectos relevantes a partir do site da Diocese de São Luís de Montes Belos, da literatura disponível sobre as comunidades, das visitas in loco e, principalmente, por meio das entrevistas realizadas.

Podemos inferir que as festividades em louvor aos padroeiros/as, nas comunidades rurais, são espaços de exteriorização e de reafirmação da fé, como afirma os autores, mas ao mesmo tempo se constituem, também, em espaços de sociabilidades, pois ao orarem juntas, esse momento de comunhão coletiva reforça os laços sociais (JURKEVICS, 2005) como observamos nas visitas às comunidades da Jacuba e Pé de Pato e ainda por meio das entrevistas.

Os laços sociais construídos ou reforçados nesses momentos de devoção também são potencializados por meio de atividades de ajuda mútua, as quais extrapolam esses momentos de devoção, mas que durante muito tempo fizeram parte da cotidianidade das pessoas que viviam no campo, como nos relata o Sr. Divino: “[...] nós fazíamos mutirão, a gente se ajudava” e ainda fazem, pois como nos afirma o Sr. José, muitas festividades são realizadas na comunidade Pé de Pato, inclusive festas beneficentes.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Festas rurais e turismo em territórios emergentes. Biblio 3W. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona. vol. XV, nº 919, 15 de abril de 2011.

CURADO, João G. da Trindade [et al.]. **Atlas de Festas Populares de Goiás**. ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.). Goiânia: UFG, 2015. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/214/o/Atlas\\_de\\_Festas\\_Populares\\_de\\_Goias\\_28-04-2015.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/214/o/Atlas_de_Festas_Populares_de_Goias_28-04-2015.pdf). Acesso em: 04 de março de 2020.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas Religiosas: a Materialidade da Fé. História: **Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, p. 73-86, 2005. Editora UFPR. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/historia/artigo/materialidadedafe.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/historia/artigo/materialidadedafe.pdf). Acesso em: 24 de maio de 2020. 09:28.

SILVEIRA, João Paulo de Paula. **Uma década sem Padre Wiro: um sacerdote comprometido com as causas sociais.** Oeste Goiano. Disponível em: <https://www.oestegoiano.com.br/noticias/social/uma-decada-sem-padre-wiro-sacerdote-comprometido-com-causas-sociais>.

**Contato das autoras:**

**Autora:** Maria Geralda de Almeida Moreira  
**E-mail:** maria.geralda@ueg.br

**Autora:** Maria Olinda Barreto  
**E-mail:** maria.olinda@ueg.br

Manuscrito aprovado para publicação em: 10/04/2024